
Concentração da torcida coreana no bairro do Bom Retiro

Jung Yun Chi



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2404>

DOI: 10.4000/pontourbe.2404

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Jung Yun Chi, « Concentração da torcida coreana no bairro do Bom Retiro », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2404> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2404

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Concentração da torcida coreana no bairro do Bom Retiro

Jung Yun Chi

- 1 Terça-feira, dia 17 de junho de 2014, Praça Coronel Fernando Prestes, Bom Retiro, São Paulo.
- 2 Após o término do primeiro tempo do jogo entre Brasil e México, que antecedeu a partida da Coreia do Sul contra a Rússia, minha irmã e eu aproveitamos o intervalo para sair de Alphaville, onde moro, a 25 km do centro de São Paulo. Como era de se esperar, a estrada estava vazia – a viagem de casa ao Bom Retiro, que leva 40 minutos normalmente, nos tomou 25 minutos e conseguimos parar o carro na Rua Três Rios aos 5 minutos do segundo tempo. A rua comercial agitada que liga a praça do metrô com o início da Rua José Paulino, conhecida como o centro nacional de produção e venda de roupa, estava vazia com suas lojas de portões fechados. O que podíamos ver eram os botecos e restaurantes cheios com as pessoas assistindo o jogo. A metade delas estava vestida de verde e amarelo e a outra metade, evidentemente de origem coreana, estava de vermelho, a cor da torcida coreana apelidada de “diabos vermelhos”.
- 3 Caminhamos três quarteirões até chegar ao local de concentração na Praça Coronel Fernando Prestes, que o pessoal costuma chamar de “praça do Metrô Tiradentes” ou “praça do Dom Bosco”. É a praça por onde se chega ao Bom Retiro vindo de metrô, delimitada pela Avenida Tiradentes e por edifícios institucionais de grande porte – Instituto Dom Bosco, junto com a Igreja da Nossa Senhora Auxiliadora (onde são distribuídas refeições gratuitas diariamente aos moradores de rua), o Quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo, a Casa da Memória Paulistana (a Sede do DPH – Departamento de Patrimônio Histórico e o Arquivo Histórico Municipal estão instalados no Edifício Ramos de Azevedo, antiga Escola Politécnica) e o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Edifício Paula Souza, também parte da antiga Escola Politécnica). A praça é uma espécie de calçada de 200 metros de extensão por 50 metros de largura, pavimentado por mosaico português e sombreado por enormes árvores pau-ferro. Ela pontua o fim da Rua Três Rios no encontro com a Avenida Tiradentes.

- 4 Desde a entrada, podíamos ver um enorme palco montado no fundo da praça e um telão no centro, ainda apagado. No centro da praça, estava montada a plateia, de cadeiras de plástico enfileiradas, já cheia de pessoas vestidas de camiseta vermelha e que preferiram garantir um bom lugar ali a assistir o jogo do Brasil. Ao lado esquerdo da plateia, havia uma fileira de barracas de comida coreana e vários grupos de pessoas estavam comendo e batendo papo enquanto aguardavam o início do jogo. A maioria das pessoas vestia a camisa da torcida coreana e era de origem coreana, evidentemente. Fiquei surpresa por já encontrar tantas pessoas por lá e era de se esperar que o local lotasse assim que acabasse o jogo do Brasil – provavelmente, a quantidade de pessoas da torcida coreana que tinha encontrado nos bares das redondezas ao caminhar pela rua estava por ocupar a praça.
- 5 Logo que chegamos, encontrei Thiago, mestrando em Antropologia com quem assisto as aulas do Prof. Magnani às quartas-feiras. A ideia de fazer o campo naquele dia havia sido dele, que estuda os grupos de jovens brasileiros que escutam o K-pop (a música pop sul coreana) e ensaiam as coreografias imitando os artistas coreanos. Cumprimentei-o, apresentei minha irmã e já entreguei para ele a camisa vermelha da torcida dizendo que era “o disfarce do antropólogo”. Ele agradeceu e vestiu a camisa. Depois de uma breve conversa, começava a minha primeira experiência etnográfica – pendurei minha máquina no pescoço, tirei da mochila o caderno de campo e, de caneta na mão, saímos a andar pela praça.



Plateia da torcida na Praça Coronel Fernando Prestes às 18:00, ainda faltando alguns minutos para acabar o jogo do Brasil

- 6 Ao lado do palco, do outro lado das barracas de comida, havia uma tenda com o controle técnico de som e imagem, que também servia de base para as equipes de reportagem das emissoras coreanas. Toda a plateia estava cercada por tripés de câmeras operadas por pessoas com as credenciais da FIFA. Chamou a minha atenção um grupo de cinco meninas de uniforme usando a camisa da torcida, minissaia branca, meias brancas e capacete de motociclista no outro lado da praça, que estavam sendo entrevistadas. Elas imitavam o grupo coreano Crayon Pop, de cinco meninas de aparência de boneca que pulam e dançam de capacete e uniforme de saia curta aos ritmos das músicas como “Bar Bar Bar” ou “Bing

Bing” e que fazem um sucesso enorme entre a criançada. Atravessamos a plateia para assistir a entrevista e nos demos conta de que eram quatro meninas brasileiras e uma de ascendência coreana. Thiago ficou interessado em conversar com as meninas, quando resolvi continuar andando sozinha pela praça.

- 7 Normalmente, eu não teria a coragem de estar com uma máquina fotográfica a tiracolo pelas ruas do bairro, por medo de ser assaltada. Mas eu sabia que a praça era um lugar seguro no meio de um bairro violento, por causa da constante presença da Polícia Militar que mantém a vigia na porta do quartel. Por isso, chamou-me atenção o policiamento ainda mais reforçado, com diversas viaturas e um furgão da Base Comunitária Móvel, além de muitas duplas de policiais espalhadas por toda a praça. Então, aproximei-me da Base Comunitária para falar com um dos policiais. Bastou perguntar se ele sabia quem tinha encomendado aquele reforço policial todo e ele respondeu e muito mais. Disse que eles estavam lá atendendo ao pedido do cônsul coreano e que estavam desde cedo dedicados a expulsar e manter afastados os moradores de rua. Num dia normal, a praça sempre tem muitos moradores de rua que vivem da comida que ganham na igreja e dormem nos bancos da praça aproveitando a sombra das árvores, mas eu não conseguia ver nenhum deles naquele momento. Eles tinham sumido! O policial, com a expressão de orgulho do dever cumprido, ainda acrescentou que a decisão de manter a tela apagada durante o jogo do Brasil também tinha sido tomada para evitar que juntassem pessoas indesejadas. Os brasileiros, imaginei.



Policiamento reforçado na Praça.

- 8 Do outro lado da praça, na primeira barraca da fila, estavam sendo distribuídos picolés importados da Coreia e bastões infláveis para a torcida. Alguém subiu no palco, pegou o microfone e fez o anúncio, em coreano, de que as camisas da torcida estavam esgotadas, mas que haveria mais no próximo jogo. Vendo o tamanho da estrutura do palco e da plateia e a quantidade de artigos gratuitos que estavam sendo distribuídos, fiquei curiosa para saber quem estava patrocinando aquilo tudo, mas ninguém soube me informar.



Barracas de comida coreana

- 9 Na frente da barraca, voltei a encontrar Thiago, junto com um grupo de jovens brasileiros. Numa conversa anterior sobre nossos temas de mestrado, ele comentou que esses jovens tinham grande dificuldade em interagir com os coreanos apesar do seu interesse sobre a cultura coreana e, de fato, eles estavam isolados desde o começo do evento num canto da plateia. Agora estavam todos concentrados ao lado do palco. O jogo do Brasil tinha acabado e eles estavam se preparando para subir e iniciar a apresentação de dança. Thiago apontou para um menino e disse que ele tinha sido o vencedor do último concurso de dança do K-pop de Osasco. Era possível sentir o clima de tensão nos rostos dos meninos. Thiago foi falar com um deles e aproveitei para fotografá-los. Logo sentiram a minha presença e começaram a fazer poses para mim. Provavelmente acharam que eu estava fotografando para algum material de jornal ou revista.
- 10 Durante a apresentação, que durou cerca de meia hora, a plateia foi se enchendo até que se via a praça completamente tomada pela torcida coreana. As últimas pessoas que chegaram se acomodaram em pé nas laterais da plateia e em cima dos canteiros de jardim. A apresentação dos grupos de K-pop foi seguida pelo ensaio da torcida, que fez a plateia repetir o grito oficial (“Dae – Han Min Guk” – Coreia em coreano – grito seguido por cinco palmas) até o momento do início do jogo.
- 11 O primeiro jogo da Coreia do Sul na Copa do Mundo de 2014 foi na Arena Pantanal de Cuiabá e terminou com o resultado de 1x1 contra a Rússia, o país que sediará a próxima Copa. Após a finalização do jogo, a torcida ainda permaneceu por um tempo na praça antes de dispersar-se. Havia rodas de conversa animada por todo o local. Enquanto eu e a minha irmã estávamos conversando com um rapaz que pedalava conosco nos finais de semana (frequentamos os encontros semanais de um grupo de ciclistas coreanos evangélicos, que faz trilhas de bicicleta todos os sábados porque o domingo é o dia de culto), fomos abordadas por um repórter da emissora coreana KBS (uma das maiores da TV aberta coreana) para uma entrevista. Como não somos fãs de futebol, o repórter ficou bastante insatisfeito com a qualidade da fala que não continha nenhuma análise futebolística sobre o jogo. Logo, encontramos um amigo coreano que medita conosco no

templo budista coreano todas as terças-feiras e resolvemos sair da praça para tomar um chá com a monja que nos esperava no templo.



As meninas esperam a sua vez para apresentar a dança ensaiada no ritmo do K-pop.



Na expectativa do primeiro gol.

RESUMOS

Este relato sobre a concentração da torcida coreana no bairro do Bom Retiro durante a Copa do Mundo foi realizado durante o curso “A Dimensão Cultural das Práticas Urbanas”, ministrado pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani na FFLCH / USP. E é o fruto da minha primeira experiência etnográfica realizada para a pesquisa do mestrado, “*Bom Retiro: o multiculturalismo na paisagem paulistana*”, que propõe descrever a maneira como diferentes comunidades culturais do bairro se apropriam dos espaços públicos.

ÍNDICE

Palavras-chave: Copa do Mundo, Bom Retiro, espaço público, coreanos, torcida

AUTOR

JUNG YUN CHI

Mestranda em Paisagem e Ambiente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) e graduada como arquiteta urbanista pela mesma instituição.

Pesquisadora do Laboratório Paisagem Arte e Cultura – LABPARC. jychi@usp.br